

TRIBUNA Livre

3
DEZEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

8 DE DEZEMBRO - DIA DAS MÃES! O Herói e o Santo

FALEMOS DELAS...

por B. Ribeiro

Dia consagrado às mães de Portugal. Consagremos *totalmente* o dia 8 de Dezembro — dia da Mãe n.º 1, dia de todas as mães portuguesas. Demos-lhes a prenda do nosso coração.

Sabe bem recordarmos a nossa progenitora — viva ou morta... rica ou pobre... velha ou válida... bonita ou quase feia (que não há mães feias!).

Façamos meditação. Nestas linhas vai o retrato das mães que me lerem, o vivo retrato das mães dos meus leitores.

É assim...

... Depois de morto, todo o ser humano era bom, era um santo na boca do povo. Aqui está a saudade paisagista, eis o amor — exagero. A morte tornou-se assim o meio de encontrarmos o que perdemos! A Parca obriga a reviver no nosso espírito aquele ente querido, que jazia morto ou semi-morto. É com a morte que se abre o abismo capaz de medir a falta desse

ente tão querido de todos nós... A ausência leva-nos a meditar no silêncio, no recolhimento. Vemos assim a valia e a magia desse amor, pedimos perdão, imitamos, e... choramos!

O dia 8 de Dezembro, consagrado em Portugal às mães, não pode nem deve ser um dia lacrimoso. Que o seja em parte. Mas... poderíamos enxugar as lágrimas choradas por quem a terra cobre, e mesmo reviver as risadas desse ente de além-túmulo, ou então provocá-las nas mães felizmente vivas.

O dia 8 de Dezembro é o dia do ouro de maior quilate em Portugal! — *Ouro é mãe*. Demos tudo às nossas mães nesse dia: orações, sacrifícios, beijos, parabéns, prendas — para o corpo e para a alma! Ah! que valor tem a nossa mãe! Meditá-lo, é vivê-lo e valorizá-lo. Para tanto, desçamos ao íntimo do seu coração ou subamos aos píncaros da sua alma. Importa estar com ela,

com a nossa mãe — quer viva ou falecida. Ela é nossa, é pertença dos filhos! Em 8 de Dezembro estaremos a sós com ela, a falar sempre dela e para ela, a consagrá-la...

Leitores: a mulher é um ofre de grande valia.

(Continua na 6.ª página)

As hostes portuguesas cobriram-se de glória e o prestígio do condestável cresceu prodigiosamente à quem e além fronteiras. O esforço hercúleo e inaudito dispendido nas horas incertas de Aljubarrota e Valverde, vai agora projectar-se a Ceuta e daqui a todos os quadrantes do universo.

Aquela espada indómita do aço rijo e da têmpera da do Rei Conquistador, venceu castelhanos, agarenos, africa-

nos e também os índios de todas as raças, cores e tribus. Pode chamar-se-lhe a «espada das descobertas e conquistas».

O povo português com os seus abnegados e heroicos Chefes, sentia-se bem neste ambiente de luta. O plano sobre a conquista de Ceuta, começa a amadurecer no espírito do Condestável. Os filhos de D. João I — Inclita geração dos Altos Infantes — educados nas gloriosas tradições duma Pátria respeitada, mercê do entusiasmo guerreiro dos seus filhos, vão fazer-se ao mar.

Há uma ânsia incontida de devassar os horizontes que ocultam os mistérios impressionantes da natureza.

O nosso Herói, podia ficar tranquilo na velha Casa Lusitana; mas não lho consentiam o entusiasmo e o ardor que fizeram dele o mais destemido e audaz lutador de todos os tempos.

Preparada uma poderosa esquadra de 200 navios, com uma tripulação de 20.000 homens, lá se fazem ao mar, por Deus e Santa Maria, com um só objectivo: — fazer cristandade.

Um triste acontecimento

Continua na 2.ª página

A Saúde Mental

e o Mito da Descontracção

por António Maria Zorro

Na delicada técnica dos eufemismos, agora tão em voga, um louco chama-se «um doente mental», pela mesma razão que os cegos passaram a ser «invisuais». Nem todos os doentes mentais são, con-

tudo, loucos. As pequenas manias, em ligeiras, aparentemente inofensivas taras evidenciadas no comportamento quotidiano de um sujeito, as neurastenias para uso caseiro dos homens de negócios ou as melancolias dos namorados em período crítico de paixão — tudo isso está hoje catalogado e classificado no vasto ficheiro das doenças

Continua na 4.ª página

A mais cara jóia do mundo

Há prata e há ouro, há brilhantes e há pérolas, matérias preciosas com as quais se podem fazer lindos e valiosos adornos. São, porém, apesar da sua beleza, jóias frias, inertes, mortas.

A mais cara jóia do mundo, grande na sua simplicidade, encantadora na sua inocência, resplandecente na sua ânsia de viver, é sem dúvida a criança, a suprema jóia, a jóia por excelência.

É ela, esse botão de esperança em flor, que enche de alegria os milhões de famílias que povoam a Terra, dulcificando os corações dos biliões de pais e de mães, que, sem a graça dos seus filhos, seriam bem mais pobres e desditosos.

Depois, a criança, suscitando o amor, o carinho e a ternura, torna o homem melhor, na medida em que o prende à sua inocência e o faz viver a paz bendita que irradia da

sua alma ainda não tocada pela mancha brutal da luta pela existência.

A criança é a chama sedutora do futuro a brilhar no presente, o mais sólido traço de união entre o pai e a mãe, o mimo dos irmãos, a grande esperança da Família, a maior riqueza da Pátria, o maior título de glória da Humanidade e, pois é por ela que a sua presença no mundo se mantém e a promessa maravilhosa da civilização se dilata.

Torná-la, pois, feliz pela ternura do pai e da mãe e despertar na sua alma infante os mais inefáveis sentimentos de beleza pelas primeiras noções do pensamento que na Escola Primária lhe transmite o professor, é política de elevada sabedoria.

É por isso que o lar deve ser risonho e a escola deve ser atraente, luminosa, digna da mais cara jóia do mundo!

MÃE!

(Dedicado às mães portuguesas)



Há uma mulher que tem algo de Deus, pela imensidade do seu amor; e muito de Anjo pela incansável solicitude dos seus cuidados; uma mulher que sendo jovem tem a reflexão de uma anciã, e na velhice trabalha com o vigor da juventude; uma mulher que, se é ignorante, descobre os segredos da vida com mais acerto que um sábio, e, se é instruída, se acomoda à simplicidade das crianças; uma mulher, que sendo pobre, se satisfaz com a felicidade daqueles que ama, e, sendo rica, daria com gosto o seu tesouro para em seu coração não sofrer a ferida da ingratidão; uma mulher que, sendo vigorosa, treme com o gémido de um pequenino, e, sendo débil, assume às vezes a bravura de um leão; uma mulher que, enquanto viva, não a sabemos estimar, porque a seu lado todas as dores se esquecem, mas, depois de morta, daríamos tudo o que somos e tudo o que temos para a ver de novo um só instante, para receber dela um só abraço, para escutar uma só palavra dos seus lábios!

— Dessa mulher não me exijais o nome, se não quereis que cubra de lágrimas o vosso album... porque já a vi passar no meu caminho...

— Quando crescerem os vossos filhos, lêde-lhes esta página, e eles, cobrindo de beijos a vossa face, vos dirão que um humilde peregrino, em paga da comptuosa hospedagem recebida, deixou aqui, para vós e para eles, um esboço do retrato de sua mãe!

(De Mons. Ramon Angel Lara — Bispo Chileno)

Notícias do RIO DE JANEIRO

«Ponte Aérea» Rio-Lisboa

A Panair do Brasil, anunciou que a «ponte aérea» Brasil — Portugal teve início em 1 de Dezembro corrente, com dois vôos semanais, em aviões DC-7C. O preço da passagem será de CR\$. 40.850,00 (6 mil esc.) não havendo desconto especial para ida e volta. A nova tarifa é decorrência do acordo assinado há dias entre a Panair do Brasil e os Transportes Aéreos Portugueses com o objectivo de criar um novo serviço económico para o tráfego Rio-Lisboa. Inicialmente, os vôos serão apenas em aviões brasileiros, com duas frequências semanais, mas os Super-Constellations da TAP também estarão no circuito, no início de 1961. Só brasileiros, portugueses e estrangeiros residentes no Brasil e em Portugal poderão gozar das facilidades do novo serviço. Os DC-7C transportam normalmente 12 passageiros na 1.ª classe e 48 na classe turística. Os primeiros pagam hoje CR\$ 138.985,00 (21 mil esc.) e os segundos CR\$ 98.230,00 (15 mil esc.) para a viagem de ida Rio-Lisboa. Agora os referidos aviões da ponte «aérea» viajarão com 85 passageiros na classe única criada, e pagarão CR\$ 40.850,00 da metade da tarifa cobrada pela classe turista.

Filmes das Comemorações Henriquinas

Têm sido exibidos em diversos cinemas desta cidade vários filmes das Comemorações Henriquinas, mas o que mais se destacou foi sem dúvida o documentário colorido patrocinado pelo S.N.I. e produzido por Produções Cinematográficas Perdigão Quei-

roga, que mereceu os melhores aplausos do público. Focalizando a visita do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira a Portugal sua recepção em Lisboa, Coimbra e Porto, o desfile naval em Sagres, inauguração do monumento dos Descobrimentos, em Lisboa e o desfile na Av. da Liberdade de todas as marinhas estrangeiras que se deslocaram ao nosso país, o filme mostra em deslumbrantes imagens o que foram as solenidades em honra do Infante D. Henrique.

O Volante Português Araújo Cabral, venceu o 1.º circuito Internacional da Guanabara

Patrocinado pelo Automóvel Club do Brasil e enquadrado no programa do 1.º Festival do Rio, realizou-se no dia 6 de Novembro passado o 1.º Circuito Internacional da Guanabara, na Barra da Tijuca, tendo cortado a meta em primeiro lugar a grande revelação do automobilismo português Araújo Cabral, tripulando uma MASERATTI de 3.000 cc., e alcançando a média de 134.600 km. p/h. Hermano da Silva Ramos (Brasil) ficou em segundo lugar, Daniel Magalhães (Portugal), Henrique Cassini (Brasil) Luiz Millan (Argentina) e Annie Seusbault (França) foram os demais colocados. Araújo Cabral que venceu com arrojo, pericia e tranquilidade, está sendo considerado pelos entendidos muito superior a Vasco Sameiro, que aqui disputou várias vezes o circuito da Gávea, mas não chegou a firmar-se no Brasil como grande campeão.

A. M. M.

Tribuna da Congregação de N. Senhora do Alívio

Reabertura Solene

A Congregação de N. Senhora do Alívio reabriu solenemente as suas actividades com uma Sessão levada a efeito no Salão Nobre do Seminário da Torre-Soutelo, no pretérito dia 6 do corrente.

A Sessão, que fôra precedida de Missa a cânticos pelo Grupo Coral da Congregação, e comunhão geral dos Congregados, assistiram várias pessoas das melhores relações sociais, bem como representações dos Organismos Católicos juvenis de Soutelo e Prado, o Rev. Reitor do Seminário da Torre, e numerosos Irmãos daquela Congregação Jesuíta.

Depois de entoada a Ave Maria (Gregoriana), pelo Grupo coral da Torre, foi aberta a Sessão pelo Irmão Pereira Rodrigues, que fez

a apresentação do Programa. Seguidamente, usou da palavra o Presidente da Congregação António Pereira Gomes, exaltando esta Obra, e dirigindo palavras de louvor a todos os Congregados que, durante o ano, dirigiram as várias Secções.

Seguiu-se a apresentação de contas pelo Tesoureiro, e seguidamente usaram da palavra os dirigentes das várias secções, Domingos Gonçalves, António Dias, Severino Moreira, Manuel Gonçalves, e finalmente, a encerrar a Sessão, o Director da Congregação R. Pe. Pedro Romano Rocha, que manifestou a este caloroso grupo de jovens, a sua grande satisfação, pelo relatório de actividades tão vasto e completo que acabavam de testemunhar.

ANEDOTA ILUSTRADA

Recebemos mais um volume desta interessante edição da casa HENRIQUE TORRES, cuja capa sugestiva é por si só uma indicação bem eloquente do seu humorístico conteúdo.

É com prazer que verificamos que esta colecção, com cada volume que sai, vai ampliando a sua excepcional projecção e daí o interesse e o êxito que tem obtido.

Bem apresentada, graficamente perfeita, trata-se de uma obra que, pelo esmero com que é elaborada pode entrar em todos os lares.

Semeada de autênticas «vitaminas» de graça e de bom humor, é um livro que nas 128 páginas se pode considerar perfeito, devido ao rigoroso critério estético com que é feita a escolha do original, pelo preço de 8\$00 cada volume.

Assim, esta publicação é oferecida ao público numa forma clara, simples, graciosa e amena, surpreendendo-nos agradavelmente, pois consegue transmitir ao leitor a graça de que está impregnada.

Em resumo: trata-se dum livro que, como nenhum outro do género, consegue realizar a missão a que está destinado: entretenimento e bom humor, os quais prendem o leitor da primeira à última página.

Edição da casa Henrique Torres, R. de S. Bento, 279 B-1.º — Lisboa-2

A intercalar os vários depoimentos dos Dirigentes, foram apresentados os seguintes números: Reportagem Sonora dos factos mais importantes ocorridos durante o ano no âmbito congregado; uma dança regional interpretada pelos pequenos aspirantes da Congregação, bem como se fizeram ouvir vários números executados pela Orquestra de cordas desta Associação.

Cheia no Cávado

Registou-se de 16 para 17 do mês passado neste Curso de água, a maior das cheias do após construção da barragem de Caniçada.

Na Ponte do Bico, as águas deixaram completamente submersas as velhas azenhas, tomando as margens do curso. Mas em Prado, o espectáculo tornára-se mais surpreendente, maravilhoso até. O rio, que tomara como leito centenas de hectares do terreno que o margina, deixava sobressair das árvores, por entre aquele extenso e multi-maravilhoso lago, apenas os braços de fora, como que pedindo socorro ao grande número de curiosos que ali acorreram.

As ruas da beira-rio, faziam lembrar as encantadoras ruas de Veneza, com barcos e lanchas que, de manhãzinha, distribuam o

Continuação da 4.ª página)

O Herói e o Santo

Continuação da 1.ª página)

veio enlutar a família Real. Na véspera da expedição, a Rainha Dona Filipa de Lencastré é vitimada pela peste. Apesar disso, não se desiste da empresa.

A cruz de Cristo a sangrar no velame das caravelas, será implantada na África e a sagrada bandeira das quinas vai tremular nas fortalezas de Ceuta. Com êste episódio se abre a epopeia gloriosa dos descobrimentos e a heróica façanha, é nova pérola a engastar-se na corôa já refulgente do Condestável do Reino.

Termina aqui em glória, o capítulo da vida do Herói aventureiro.

A nova etapa é de floração de virtudes cristãs. No mundo atingiu o apogeu da glória. Retirado do bulício da vida, vai guindar-se aos altos cumes da perfeição. Portugal guiado pela mão serena do grande Chefe, já ensaiara briosamente os seus passos no caminho glorioso dos Descobrimentos.

E enquanto que a Inclita Geração decididamente leva avante o sonho do Infante Navegador, D. Nuno piedoso e recolhido maneja agora no silêncio do claustro a invencível espada da oração que há-de tornar Deus propício aos empreendimentos dos portugueses.

Na rude refrega de Aljubarrota, fez D. Duno, um voto à virgem. Era obrigação sua cumpri-lo, testemunhando de maneira imperecível como padrão imortaldouro os seus sentimentos de reconhecimento e gratidão a Nossa Senhora. Em 16 de Julho de 1389, eram iniciadas as obras da construção do convento em honra de N.ª Senhora do Vencimento, entregue posteriormente aos padres da Ordem Carmelita.

O mosteiro magestoso e imponente, ficou muito danificado quando do violento abalo sísmico que sacudiu a cidade de Lisboa. Como noticiaram os jornais, procedeu-se no ano corrente ao seu restauro, sendo a Igreja de novo, aberta ao culto. Saldou-se uma dívida de gratidão, há muito em aberto, para com o Condestável a quem Portugal tributa especiais homenagens nestas festas Centenárias. O cronista Fernão Lopes na sua linguagem peculiar escreve: — «Sendo o Condestável na idade de 62 anos, é sentindo que a fraqueza se assenhoreava dele; e como, graças a Deus, el-Rei tinha a sua terra em bom sossego e que seus filhos estavam em tais idades para tudo fazerem e se governarem por serviço de Deus e de seu Pai; apartou-se a servir a Deus em estado de pobre, em Santa Maria do Carmo, da cidade de Lisboa que ele mandara fazer.»

Designios da Providencial... O que no mundo foi nobre e

poderoso, sem nunca perder o rumo do seu destino sobrenatural e eterno, fez-se humilde e pobre, para ser grande no reino do céu. Santa renúncia, heróico desprendimento!...

Mesmo recolhido, era a sentinela vigilante da Pátria. Se fosse necessário, levaria as contas numa mão e a espada na outra. Ao ter conhecimento de qualquer perigo, reagia válido e corajoso, arremessando uma lança através dos campos de Valverde e proferindo a célebre frase:

Em África a irei meter, se tal for necessário...

Ao embaixador castelhano, responde altivo: — «Se el-Rei de Castela outra vez movesse guerra a Portugal, que nesse caso, enquanto não estivesse sepultado, serviria ao mesmo tempo a religião que professo e a terra que me deu o ser.»

Não foi preciso. Mergulha fundo o espírito na contemplação divina; dia e noite reparte o tempo entre a oração e penitência.

Um historiador descreve assim a sua vida no Convento: — Na cela estreita, e «tão apertada que apenas podia caber nela, como se antes da morte lhe houvesse de servir de jazigo tinha uma devota imagem de Cristo crucificado, donde não despregava os olhos; o mobiliário era o catre e as mantas grosseiras que lhe serviam de cama; por adorno, cilícios, disciplinas e outros instrumentos de mortificação.

Fôra da cela, servia humildemente os religiosos da casa e os pobres; tratava os doentes, prodigalizava a todos auxílio e palavras de piedade e conforto.

Foi a santa virtude da caridade uma daquelas a que mais se consagrou Fr. Nuno de Santa Maria. À portaria do convento distribuía por suas próprias mãos esmolas aos numerosos pobres que ali concorriam, e para os quais diariamente se cozinhava numa grande caldeira de cobre, que para o mesmo fim serviria, nos campos de batalha à hoste do Condestável. Ali os pobres, enquanto Fr. Nuno sorria amoravelmente, acarinavam-no e cantavam-lhe trovas.

O gran condestabre
Em o seu mosteiro
Dá-nos sua sopa,
Mai-la sua roupa,
Mai-lo seu dinheiro.

A bençam de Deos
Cahio na caldeira
De Nunalves Pereira,
Que abondo cresceo (1)
É todolo deo.

Se comer queredes.
Nom bades alem:
Don minga non tem (2)
Ahi lo comeredes.
Como lo bebes

(1) Que muito crescer
(2) Que mingua não tem

Visado pela censura

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal
Correspondência
Ofícios

Da Regente Escolar de Goães, pedindo o fornecimento do seguinte material: 2 carteiras e 1 frasco de tinta. Foi deferido pelo Senhor Presidente da Câmara.

Do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, remetendo a factura respeitante ao internamento de doentes pobres a cargo desta Câmara no mês de Agosto último.

Do Chefe da segunda R-partição de Operações Financeiras e Bancárias da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, Lisboa, pedindo para esta Câmara efectuar o pagamento, até 8 de Dezembro próximo, da importância de 9.967\$00 respeitante à amortização de 22.ª prestação de empréstimo contraído por esta Câmara naquela Caixa Geral.

Do Chefe da Secção de Finanças de Amares, pedindo a substituição de um lâmpada fluorescente daquela Secção por esta se encontrar avariada.

É novamente presente o officio da Junta de Freguesia de Bouro Santa Maria, informando que António Lopes, vedou com um muro, uma parcela de terreno contigua ao seu prédio sito no Terreiro de Bouro, e que fazia parte deste.

Do Hospital de S. Marcos, Braga, comunicando o internamento urgente dos seguintes doentes pobres: Avelino Barbosa, de Lago, José António Maia, de Goães, José Maria da Silva, de Portela, Adelaide Pereira Lopes Sousa, de Lago, Rita Vieira, de Figueiredo, Maria da Conceição Pimenta Lopes, de Lago, Aurora da Conceição Lopes, de Portela, Joaquina de Anunciação Alves, de Lago, Maria Gonçalves Barros, de Caires, Maria da Glória Veloso, de Ferreiros, João Carvalho, de Barreiros.

Do Hospital de S. Marcos, de Braga, remetendo a factura da importância de 11.415\$20, respeitante ao internamento e tratamento de doentes pobres a cargo desta Câmara no mês de Agosto findo.

Idem, idem, da importância de 6.274\$90, respeitante ao mês de Setembro último.

Da Chenop, Porto, remetendo a factura da importância de 14.564\$80, respeitante ao fornecimento de energia eléctrica no mês de Outubro findo.

Do Director Escolar do Distrito de Braga, comunicando que, superiormente, foi aceite o edificio que esta Câmara conseguiu no núcleo da Feira Nova, da freguesia de Ferreiros, até que se construa o novo edificio previsto para aquele núcleo e pedindo para esta Câmara informar aquela Direcção logo que o referido edificio esteja devidamente apetrechado, a fim de ser promovida a sua utilização.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, pedindo o envio, até 12 do corrente, impreterivelmente, dos seguintes elementos: 1.º Relação das obras cuja participação se acha prevista para o primeiro triénio de (1959/1961) e para as quais esta Câmara já encarregou técnico de estudo; 2.º Relação das obras que ainda não têm projecto adjudicado a qualquer técnico; 3.º Relação das obras para as quais esta Câmara não possui recursos para a sua execução, especialmente no aspecto financeiro.

Do Engenheiro Chefe da Secção do Norte da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias, Porto, informando que o edificio escolar de Lago, foi vistoriado por um técnico daquela Secção tendo verificado o seguinte: 1.º Reduzidos vestígios de humidade nos tetos de uma das salas de aula e de um átrio; motivado por deslocação de telhas e peças de beiral. Como a Direcção Escolar dispõe de uma verba anual para pequenas reparações, solicita a esta Câmara para aconselhar os Senhores Professores da escola em referência a solicitar essa verba para os trabalhos a realizar. 2.º Falta de água nas instalações sanitárias. Esta deficiência provém de se encontrar vazio o depósito enterrado por aqueles Serviços, junto aos sanitários.

Do Chefe do Gabinete de Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, Lisboa, informando o seguinte: que a directriz da variante da Estrada Nacional 205 no Largo Doutor Oliveira Salazar, desta Vila, se encontra definida e aprovada pelo douto parecer n.º 2975, de 16/9/58, do Conselho Superior de Obras Públicas, homologado por despacho ministerial de 23/9/58 e que a sua execução só poderá ser considerado nos próximos Planos de Trabalhos da Junta Autónoma de Estradas.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 61/60, b2 Z-1/74, L.º 25-A, 2.ª Repartição da

(Continua no próximo número)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — o senhor Mario Ramos.

Amanhã — o sr. Artur da Cunha Cruz.

Dia 5 — o Rev. mo Pe. Luiz João Antunes de Almeida.

SALVÉ DIA 3-12-60

Passa hoje o seu aniversário natalício o Srr. Paulo Barbosa de Macedo, muito



digno proprietário da Tipografia A Modelar. Por isso os seus empregados desejam-lhe que esta data se repita por longos anos, na companhia de toda a família.

A Comissão das Festas de Santo António Trabalha activamente:

A comissão de Festas de Santo António, trabalha activamente, para que os festejos do próximo ano tenham o brilhantismo e pujança dos anos anteriores.

Por isso, em sua reunião ordinária, foi deliberado nomear comissão de meninas, nos diferentes lugares da Freguesia, a fim de recolher donativos e angariação de fundos, destinados às Festas.

A seguir inserimos a lista com os respectivos nomes das componentes que gentilmente e com um espírito de bairrismo acederam ao convite da Comissão.

A distribuição dos lugares é a seguinte:

Sertão e Virvirelos

Emília Vieira da Cunha, Maria da Conceição Pereira Gomes, Elisa Severina Martins Dias e Julieta Martins Dias.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Casamentos

Antes de mais vou dar-te notícias do nosso dia-a-dia paroquial.

No dia 21 de Novembro casaram, em Lago, os senhores Evaristo Teixeira Soares, de Palmeira, e Teresa Ferreira Pereira, de Lago, solteiros, êle empregado na fábrica de armamentos, «Braço de Prata» e ela doméstica. Passam a viver em Lisboa.

Também estão a correr os proclamas do casamento de Manuel António Ferreira, de Lago, e Maria da Conceição de Araújo Pinheiro, de Atiães, Vila Verde. Os nubentes residem na freguesia de Custóias, Matosinhos.

Dizem de lá que são pobres e tenho de acreditar porque disse-o quem sabe. Contudo vou dizer-te que não sei bem o que é pobreza, e a razão é esta: há dois ou três anos fez-se um casamento em Braga e os documentos foram pedidos de graça. Atestou a pobreza quem tinha obrigação de saber... No dia do casamento os noivos alugaram automóvel e, não sei se foram para a igreja de carro, a verdade é que andaram em Lago a mostrar a sua pobreza instalados no automóvel, em visita à família.

Se te disserem que o casamento do dia 21, referido acima, também foi de automóvel dir-te-ei que pagaram todas as despesas, sem re-

gatear um tostão... e quem paga manda. Se alguém murmurar mostra que tem inveja e melhor faria se olhasse para si. Ser pobre para não pagar o devido a quem trabalha e rico para alugar automóveis e fazer grandes jantares é sinal de grande pobreza de juízo, não te parece? Julgo que sim.

Tenho ouvido dizer que ninguém é pobre se não de «juízo». E realmente é esta pobreza a maior porque causa grandes males em todo o mundo.

Baptizados

No dia 24, de Novembro recebeu o baptismo Domingos José Barbosa Veloso, filho dos senhores Augusto Rodrigues Veloso e Maria Aurora Barbosa, do lugar de Vila Nova. Foram padrinhos os senhores José Maria Gonçalves e Maria Augusta Ferreira, de Besteiros, Amares.

No dia 26 baptizou-se também José Manuel Veloso Fernandes, filho dos senhores Eugénio Rodrigues Fernandes e Adelaide Alves Veloso. Foram padrinhos os meninos José António Veloso Fernandes e Maria Eugénia Veloso Fernandes, irmãos do neófito, todos do lugar de Fonte Covas.

Louvor à comissão da festa

Há dias a Junta de Freguesia de Lago, pediu uma reunião da comissão das festas de São Martinho e, estando presentes as duas entidades, o presidente da Junta, senhor José António Pires, entregou ao presidente da reterida comissão, senhor Pe. Joaquim Ferreira, o seguinte documento: — «Tendo-se realizado no dia 11 do corrente, dia do Padroeiro São Martinho, nesta freguesia, uma feira de gado de variadas espécies com prémios aos donos dos melhores exemplares presentes, feira que constituiu um autêntico êxito, apesar de o dia se apresentar chuvoso, bem como os antecedentes, considerando que a iniciativa é digna de elogio e encorajamento para que prosseguindo eleve no conceito geral o prestígio desta nossa terra, proponho que a comissão organizadora seja louvada por esta Junta de Freguesia na pessoa do seu presidente o Pároco Rev. Joaquim Ferreira, e que lhe seja enviada cópia da acta em que fique exarado este voto de louvor. Esta proposta foi aprovada por unanimidade».

Continua na 4.ª página

Continua na 4.ª página

A Saúde Mental

(Continuação da 1.ª página)

mentais. Conversa a gente com um psiquiatra e fica com a assustadora impressão — completada e confirmada com a leitura de certo noticiário internacional — de que ninguém ou quase ninguém anda no seu juízo perfeito.

O mais tranquilizador diagnóstico que em tempos idos se podia fazer consistia em dizer-se ao doente que o seu mal era, apenas, «nervos». Hoje, tal diagnóstico é muito sério, é grave, é, geralmente, o começo de uma complicadíssima terapêutica que na opinião de alguns doentes mais irreverentes e, porventura, mais... loucos, acaba por ser contraproducente. Nisto, como em todas as coisas, a Humanidade continua a voltar costas ao justo meio termo, ora ignorando a importância dos fenómenos psiquiátricos, ora conferindo-lhes primazia excessiva, que faz atribuir ao psiquiatra funções que seriam da normal competência do pai, de mestre ou do confessor.

Estas considerações vêm a propósito do Congresso Nacional de Saúde Mental, que está a realizar-se em Lisboa, e o tema é na verdade bastante sério, sério em demasia para aceitar comentários ligeiros ou risonhos. Basta que se lembre que em cada mil pessoas trinta e duas carecem, durante o ano, de cuidados psiquiátricos e que nessas mil pessoas cerca de duzentas e trinta sofrem de desvios emocionais.

O congresso é o primeiro que no seu género se efectua no nosso País e reúne novecentos participantes, dos quais quatrocentos — admirável proporção! — são estudantes universitários; no seu âmbito incluem-se quase todos os sectores da vida social e na sua base está o labor de alguns psiquiatras e educadores ilustres, que há duas ou três décadas se têm consagrado, devotamente, à causa da saúde mental.

O público — entenda-se o público dos meios clínicos e o que se interessa pelas coisas do bem-comum — aguarda com curiosidade as conclusões deste Congresso, às quais não faltará, por certo, na medida do possível, o apoio do Ministério da Saúde. Haverá, contudo, nessas conclusões — desde já o asseguramos por dedução extraída da lição dos factos — um aspecto cuja satisfação não dependerá somente da boa vontade do Ministro da Saúde e dos meios materiais que o seu colega das Finanças lhe facultar para o efeito. Trata-se, em suma, do aspecto pré-preventivo; entre aquelas trinta e duas pessoas já citadas, que anualmente, entre mil, carecem de cuidados psiquiátricos, contam-se, sem dúvida, muitos casos de hereditariedade e de natural deficiência orgânica; mas muitos outros casos se

contam também, que são apenas fruto de uma péssima educação, ou, mais concretamente, da inversão dos valores educativos a que por toda a parte estamos assistindo, sob a égide de um mito perigoso chamado «a livre realização da personalidade», ou a descontração.

São neste particular altamente autorizadas e significativas as palavras de um dos membros da comissão executiva do Congresso, o Prof. Barahona Fernandes, quando verbera um sistema pedagógico que «põe os instintos à solta e desmascara todas as pechas do inconsciente, sem as devidas inibições educativas e sem a necessária integração nos valores do Espírito e na cultura de cada grupo social». E o douto psiquiatra acrescenta: — «Se a ignorância sobre a origem da vida poderia criar alguns tímidos autistas e neuróticos, a sua revelação brutal e sem cautelas gera toda uma corte de desimbidos e *descontraídos*, quando não de insensíveis, amorais ou delinquentes».

O mito da descontração ainda não forçou as estruturas tradicionais da educação dos portugueses. Mas já ronda à sua volta, desvariando a gente moça e ganhando a toda simpatia de certos pais e de certos pedagogos. Pois que a primeira conclusão do Congresso de Saúde Mental a ter em conta seja precisamente essa, cuja satisfação não compete aos médicos nem sequer ao Governo, mas sim às Famílias — e, sobretudo, às mães.

Carta de Ruivães

(Continuação da 6.ª página)

fenderem lialmente, ou então acabe-se de vez com a Onu e cada qual governe-se conforme puder.

Esta farça que se vem representando é que não pode nem deve continuar.

O que tem de ser tem muita força. Adiar nem sempre é resolver.

Chegou-se a um ponto crucial da história dos povos, em que o caminho tem de ser para a frente.

Não deve provocar-se ninguém, mas que os ocidentais não andem sempre de cócoras, a levar com o sapato do senhor K no tu-tu.

Decisão prudente e energia oportuna e Deus ha-de ser connosco, porque a verdade é o nosso lêma.

Ruivães, 27-XI-1960

Amadeu César

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Congregação de Nossa Senhora do Alívio

(Continuação da 2.ª página)

pão e outros socorros aos moradores, que retiravam os seus gados e parte das suas colheitas, e os Auto-carros desviavam o seu curso normal para seguirem por Soutelo o caminho de Braga.

Repórteres dos vários jornais ali se encontravam, batendo fotos e presenciando o espectáculo, que se revestia dos mais característicos, e, digamos até, engraçados flagrantes.

Não deixaremos de focar, por exemplo, o caso dos rapazes imitadores de S. Cristóvão, que, a troco de uns patacos, transportavam aqueles que necessitavam atravessar a Ponte; as corcoas de burros com estes animaizinhos de água pela cinta, e, até, já pelas 11 horas, alguns camions que, semi-anfíbios, tentavam vencer a barreira imposta pelas águas, constituindo um belo-horrível espectáculo.

Apenas lamentamos aqui nesta risonha Vila, que da Barragem de Caniçada não houvesse o mais pequeno aviso para o Posto da G. N. R., a fim de pôr em aviso os vizinhos do Rio, logo que foram abertas as comportas daquela Barragem. Falta grave esta, da qual resultaram alguns prejuízos, pois as águas, surpreendendo alguns lavradores, arrastaram consigo milho e espigas dos cobertos.

Gota d'Orvalho

A Comissão das Festas de Santo António trabalha activamente

(Continuação da 3.ª página)

Adelina Maria de Macedo, Maria Augusta Soares, Maria Carolina Azevedo de Macedo, Maria Armanda L. Ramos Azevedo, Maria da Conceição Dias Antunes, Maria Estela Arantes Menezes, Joaquina Barros de Azevedo e Fernanda Celina Macedo.

Bárrio

Rosa da Silva, Ermelinda Pereira B. Macedo e Laura Pereira Janela.

Lage

Filomena Taveira Peixoto, Eufrazia Barbosa de Macedo, Maria Helena da Rocha e Maria Joaquina da Rocha.

Bornaria

Maria da Conceição Vieira da Costa, Luísa do Sarmei Rodrigues e Olívia Vieira da Silva.

A comissão ainda sugeriu a colaboração dos inúmeros filhos do concelho, espalhados pelas diferentes partes da Europa, no sentido de obterem deles, a sua contribuição, o que francamente esperamos.

CARTA DE LAGO

(Continuação da 3.ª página)

Tendo recebido este documento o presidente da comissão das festas de São Martinho, em seu nome e no de toda a comissão, agradeceu ao Presidente da Junta e seus colaboradores a gentileza e apoio dados à iniciativa e esforços da referida comissão. Salientou a importância do bom entendimento no progresso e bem estar paroquial e fez votos para que esse progresso se promova cada vez mais.

Estrada e caminhos públicos

Ignoro se conheces, ou não, o estado das comunicações da parte norte desta freguesia com a estrada nacional.

Julgo, porém, que não ficará mal dizer-te a miséria destas comunicações.

Há só um caminho transitável, o da Igreja ao Paço, e, mesmo este, não dá passagem a todos os carros, por ser estreito. Pelo mesmo defeito dão se engarrafamentos demasiado frequentes e aborrecidos, como é natural. Basta recordar que na parte norte ficam a igreja paroquial, o senhor da Saúde, o cemitério e sete proprietários de automóveis, alguns dos quais têm dois ou três. Os quatro restantes caminhos públicos são intransitáveis até mesmo para ciclistas, carros de bois e piões, sobretudo nas estações do Outono e Inverno. Apesar de mau, pelos muitos buracos e lama, o caminho da Ribeira à Igreja é a única saída destes quatrocentos habitantes. Há dias tive necessidade de passar do Bico para a Ribeira. Como sabes este lugar fica a poucos metros daquele. Pois digo-te que tive de

passar por entre a erva de vários campos e saltar canais e valados! Nenhum caminho ou carreiro podia servir, por andarem todos cobertos de água. Não moro na Ribeira, mas tenho de lá passar com bastante frequência; e, mesmo que não precisasse de lá passar, sinto as perdas de tempo, os gastos e os esforços, que têm de fazer os que lá vivem, para irem a Braga, pois têm de vir pela Igreja e Paço, à volta, quando afinal vivem próximos do Bico.

Há cerca de dois meses encontrei o senhor Presidente da Câmara, precisamente no referido lugar da Ribeira. Tinha ele experimentado as molas do seu carro na descida para aquele lugar e, impressionado com as covas e lama disse: — Brevemente passará aqui a estrada. O senhor José António Pires, presidente da Junta desta freguesia, foi tirar do pó um projecto, já abandonado, para a construção de uma estrada por aqui. Apresentou-se aos engenheiros responsáveis e estes aprovaram a obra. Por isso dentro de três anos, mais ou menos a estrada aligar o Bico à Igreja será uma realidade — Oxalá a palavra do senhor Presidente da Câmara não encontre «Velhos do Restelo» nem «Adamastores» a impedir a realização desta obra. Digo-te isto porque conheço a boa vontade da Junta e da Câmara; mas também sei que os interesses farão gemer os pobres miopes a quem a estrada tocará na horta; e farão trovejar, possivelmente, os potentados que puserem o coração nos campos, nas hortas e nas bouças. E, por hoje basta!

Dispõe do sempre teu:

— J. Moreira

LAGAR DE AZEITE

Amanhã, Domingo, está aberto ao Público todo o dia o lagar de Azeite de Rendufe, a fim de todos poderem apreciar as suas instalações e máquinas moderníssimas.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

VALDREU e GONDOMAR O Drama das Famílias Separadas

Como se verifica, foram aqui presentes o prior de Vila Nova (de Muía) assento de outro mais importante mosteiro de cônegos regrantes de S. to Agostinho, o qual foi fundado, entre 1100—3, por D. Godinho Fafes de Lanhoso, rico-homem do tempo de Afonso VI de Leão. Foi ele o mesmo fundador do mosteiro de Fonte-Arcada, conhecido teatro de cenas medievais, de réptos de cavaleiros a que andam ligados os apelidos de Freitas e de Vasconcelos.

Seu filho, D. Fafes Luz, alferes-mór do Conde D. Henrique, foi casado com D. Froile Viegas, filha de D. Egas Pais de Penagate, fundador do de Rendufe, e de sua mulher D. Sancha Mendes.

Sobre este entrelaçamento de padroados, que esteve no plano das alianças de casamento entre os herdeiros da velha cavalaria, já se tratou demoradamente noutro lugar. Não se julgue, porém, que andava só neste jogo a base do interesse.

A Igreja aceitou o protectorado da Cavalaria, que desenvolveu e elevou às sublimidades do cumprimento da honra, da dignidade e da valentia, como meio principal a opôr aos inimigos da Cruz, quando os mosteiros precisavam de fortificações e defesa para seus monges e colónias de obreiros da terra, de outro modo expostos a constantes destruições e razias.

Então os mosteiros tiveram o carácter das fortalezas.

Passado o perigo, com o restabelecimento da paz e relativo respeito, muitas igrejas desde logo se secularizaram, embora o sistema, dos padroados vigorasse durante muitos séculos.

Este mosteiro de Muía recebeu também os favores do nosso primeiro rei que lhe fez doações e o coutou. Mais tarde uniu-se ao de Santa Cruz de Coimbra.

A presença dos restantes jurados, que responderam à alçada das Inquirições, de 1258, além de Nuno Pais prior de Vila Nova, e João Martins seu pai, juiz de Regalados; e foram Nuno Fernandes, prior de Valdreu, igualmente de Agostinhos; João Afonso, pároco de Chamoim; e Lourenço Peres de Vila Chã, deve-se por igual modo à simples razão de que as suas respectivas igrejas aí possuíam haveres e interesses.

Povoou-o D. Afonso Henriques de gados e mouros, dando, por certo ordem de alforria ou liberdade aos que aí foram captivos, com a simples condição de receber do dito mosteiro alguns *sabujos* — cães de caça em que talvez descobrisse qualquer rara qualidade para este nobilíssimo desporto do tempo.

Mas, «Cavaleiros da terra» correram com mouros e frades, fazendo-se herdeiros de tudo e o mosteiro deserto. Realmente, quando se juntaram cristãos e mouros no mesmo convento, a mesma coisa foi que juntar cães e gatos na mesma jaula. E as patifarias dos últimos não deviam andar de pouco recente memória entre essas gerações de herda-dores que tinham sentido os mouros «na mó de cima».

Também era, sem dúvida, abundante e muito próxima na região a existência de cenóbios. Em Aboim da Nóbrega, que parece ter foros de vila desde os Condes Portucaleenses, havia outro mosteiro, que primeiro foi de freiras de S. Bento e mais tarde passaram a Agostinhas.

Assim o inspirava a simpatia do primeiro monarca por Santa Cruz de Coimbra e as melhores graças em que andava posto o rico-homem que tudo mandava em terras de Nóbrega — D. Ourigo, o fundador do mosteiro de Valdreu. Não tiveram menor valimento, junto dos reis imediatos, alguns de seus descendentes, como vai ver-se:

— D. Ourigo ou Rodrigo da Nóbrega, casou, c. D. Maria Lourenço da Cunha, filha de Lourenço Fernandes da Cunha. Foi senhor do castelo de Nóbrega, que conquistou aos mouros, e das terras de Vila Verde.

— D. Pedro Ouriques foi senhor das mesmas terras e casado c. D. Maria Viegas, filha do aguerrido «Lourenço Viegas» «o Espadeiro», neta de Egas Monis.

— D. João Peres de Aboim, ou simplesmente João de Aboim, senhor do couto de Aboim, levantou o castelo de Portel, em 1262, por mercê de D. Afonso III, de quem foi um dos mais firmes partidários, e mordomo-mór. Casou c. D. Maria Afonso de Arganil.

— D. Pedro Anes Portel, foi um dos maiores senhores do seu tempo e casou c. D. Constança Mendes de Sousa, filha de D. Mendo Garcia, senhor de Panoias, e de sua

Continua no próximo número

Nos países de emigração, como o nosso, há um problema que preocupa os que se dedicam aos estudos de Emigração e aqueles que têm responsabilidades no assunto. Referimo-nos à questão das famílias separadas.

Quando um chefe de família resolve emigrar, geralmente, parte só e faz planos para se conservar por algum tempo no estrangeiro e amealhar o mais que puder. Todavia, deixa a mulher e os filhos, e a família fica desorganizada, à mercê de muitos perigos, de muitas ciladas e até para a própria educação dos filhos se abre um profundo sulco por onde corre despreocupadamente a tendência juvenil de fugir e de furtar ao vigor da disciplina e da formação.

No 4.º Congresso Internacional que, em Agosto passado, se realizou no Canadá, o representante de Portugal, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Tiava, Director Nacional das Obras de Emigração, apresentou um trabalho sobre este momentoso problema. Afirmou o Senhor D. José Pedro da Silva:

«A separação das famílias quer sob o aspecto humano quer sob o ponto de vista cristão é, na verdade, ruínosa. Demonstra-o a experiência quotidiana e de um modo irrefragável.

«Mas antes dela, a simples consideração do que é a família, no plano natural e sobrenatural, nos levaria à mesma conclusão.

«A vida comum dos esposos, a procriação e educação dos filhos, o auxílio mútuo que marido e mulher se devem e o facto de o matrimónio sacramento significar a união de Cristo com a Igreja, exigem estabilidade no agregado familiar e não se compadece com a separação dos seus membros. Não basta que a

união do marido com a mulher e dos pais com os filhos seja apenas intencional; requer-se a presença física de todos no ambiente do lar sob pena de uma tremenda frustração, nociva à família e à sociedade de que aquela é a célula primária. Marido e mulher, pais e filhos formam um corpo organizado em que cada membro tem as suas insubstituíveis funções hierarquizadas. Não são apenas os fins do matrimónio que se tornam impossíveis de obter com a separação dos membros da família, mas é próprio matrimónio em si, na sua essência e na sua significação, que sofre com essa separação».

E, mais adiante, o Venerando Bispo de Tiava disse:

«Se considerarmos o aspecto da educação dos filhos o problema reveste-se também de extraordinária importância. A mulher, ou, antes, a mãe, dificilmente, poderá dar aos filhos uma educação equilibrada e integral. O pai tem na educação dos filhos uma missão insubstituível. A moldagem dos caracteres dos filhos resulta da acção conjugada do pai e da mãe. A mãe é sempre mulher e há problemas na educação que a ultrapassam sobretudo quando os filhos atingem a idade das crises».

Felizmente, tanto em Portugal como no estrangeiro, trabalha-se afincadamente para a emigração familiar ou a reunião das famílias separadas.

Consultando as estatísticas, verificamos:

Em 1955, homens casados que emigraram foram 6.208 e solteiros 11.901. A percentagem dos homens casados que emigraram sem família foi de 89%.

No mesmo ano, emigraram 3.782 famílias, das quais 1.038 saíram juntamente com o seu chefe, e as restantes foram mais tarde. Ao

tudo, foram 11.368 indivíduos.

Em 1956, o número de mulheres casadas que saíram do país foi superior ao dos homens casados—o que deu uma percentagem de 81,9% a favor das primeiras.

Emigraram 3.554 famílias, num total de 10.557 pessoas. 2.559 famílias foram juntar-se ao marido e pai que já tinha emigrado antes.

Em 1957, a percentagem dos homens emigrantes foi de 65,4%. Os solteiros, homens e mulheres, atingiram 20.600 indivíduos. Dos casados que emigraram, deixando as esposas, houve a percentagem de 71,15%. O número de famílias com chefe foi de 1.274 e as que foram ao encontro do chefe totalizaram 2.475.

E, em 1958, baixou a percentagem dos chefes de família que saíram sós—19,34%. Ao todo, emigraram 4.028 famílias, num total de 12.033 indivíduos.

Mas não está tudo feito. Tem-se trabalhado muito neste sector — é justo reconhecer-lo. Convém não desanimar nem desistir. Atentas todas as circunstâncias, o problema ou o drama das famílias separadas toma um aspecto de importância nacional. A nação necessita de famílias bem organizadas que saibam cumprir a sua missão básica e indispensável. Se o número das que estiverem à margem dos requisitos essenciais for grande, registar-se a um desequilíbrio na formação das gerações novas, comprometendo-se os homens de amanhã.

Não serão demais todos os esforços que se possam fazer para se criar uma consciência nacional à volta da importância e do valor da emigração familiar, sobrepondo-se à emigração individual ou, pelo menos, colocando-a a um nível dignificante.

Empresa Predial do Infante, L.^{da}

45, RUA DAS TRINAS, 47

TELEFONE N.º 40661

GUIMARÃES

TELEGRAMAS INFANTE

COMPRA — VENDE — HIPOTECA PROPRIEDADES HIPOTECAS S/ AUTOMÓVEIS

Toma a seu cargo a administração de Propriedades em qualquer parte do País. Todas as transacções sobre 1.ª Hipotecas em Propriedades são feitas aos juros de 8,0% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da nossa responsabilidade a eficiência da Transacção. Tratamos de toda a documentação, Registos, etc. Nada cobramos de comissão aos Capitalistas.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TRATAMOS TODOS OS ASSUNTOS FISCAIS

Aceitamos avenças anuais para tratar todos os assuntos Fiscais junto das Repartições.

DIRECTORES:

Francisco de Assis Ferreira Pulido de Almeida
Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

8 de Dezembro - Dia das Mães!

TRIBUNA DE VIEIRA

Carta de Ruivães

(Continuação da 1.ª página)

Quando mãe, é a detentora das únicas chaves que abrem a vida. Esta é um santuário só delas e no qual gozam de entrada permanente os seus filhinhos. Há difícil acesso. As chaves só ela, a mãe, as conhece. Ela, a mãe, triunfa sempre porque possui as chaves que avivam a vida! São as chaves...

- Do Sofrimento
- Do Silêncio
- Da bondade
- Da fortaleza
- Da beleza
- Da profundidade...
- ... De Deus!

I — Não há filhos que gostem da chave do sofrimento. Só os problemas da vida os obrigam a essa entrada. Mas as mães têm o mistério do amor; ninguém sofre como elas; a seu lado ninguém tem valia a acompanhar-lhes o choro e desânimo. Esta chave abre a porta da grã cruz do mundo. Dentro vê-se o tudo de todos, menos o sofrimento da nossa mãe. Vemos só uma cruz bem tratada. Que boa a chave da nossa mãe!

II — O Silêncio é oiro. Há-o nas grandes catedrais e na audição de historietas de fadas. Nos lugares consagrados, ele aí está a pontificar. A alma da mãe é oiro puro, é a fada da nossa vida, é um campo sagrado! Recordando o silêncio dela, aprendamos dele. Há que reviver aquelas pausas morosas e secretas a preparar uma voz autoritária e convincente.

No dia das mães consagremos mais o silêncio delas, que já-mais deixaremos de viver as suas palavras altivas e corajosas. *As mães falam muito e sempre muito bem com*

o seu paciente silêncio!!!

III — Há uma palavra, que, quando referida às mães, deveria escrever-se sempre com letra maiúscula. É que é coisa só delas, é, apanágio individual, no conjunto — *É a Bondade!* É um substantivo próprio, é um tesouro delas para nós. O envelhecimento, como o murchar dessa flor «mãe», transforma-se em paciência. A Bondade torna-se aí em fortuna. A paciência — bondade trocou-se em moedas de oiro, que o dia — a — dia nos oferece. O Amor é a mina desse tesouro.

— Oh! mãe, tu que és princípio e tesouro da nossa vida, sê o alento de que precisamos na hora da nossa morte!

IV — Quem disse que a mulher é sexo fraco?! A mulher — mãe não é. A vida é um mar. O coração de mãe é um quebra-mar. Venham ondas encapeladas no mar da vida, que a mãe aguenta. Ela é única a receber e a entender as diabruras e agruras que seus filhos exibem no triste mar de dores... A coragem é sua dilecta pioneira. Contagia assim os filhos seus. Os filhos têm sempre muito que aprender com as mães...

A mãe vence, porque é forte com modos brandos. A mãe sabe ser forte... porque é fraca! Mas... quem diz de verdade que a mulher é do sexo fraco?! Se não há tesouro que valha o filho ao colo da mãe, aí está a fortaleza no colo materno, e o coração das mães reveste-se de muralhas que respiram amor com amor e por amor!

V — Nós somos sempre crianças quando falamos de nossa mãe. Até confundimos a Bondade com a sua Beleza. Há um «não sei quê» que nos torna lindos na beleza que encontramos na

nossa mãe. Ela tem duas faces. É sempre linda para nós! Se viva — é sempre alegre e alerta no nosso meio; se morta — irradia simpatia, eleva amenidade, fascina... porque ela morreu cuidando sempre da nossa vida... Morta, substituí-a a saudade. Esta foi dizer ao coração as meiguices daquela mãe! E surgem os poetas a cantar os encantos da mãe, para deitar à vida-madrasta quanta beleza vive nos corações maternos e sempre à disposição dos filhos...

VI — A alma das mães é tão profunda que os filhos nem se encomodam com o falsear dos pés. O mar, que é profundo, causa medo... dá-nos a amostra da morte no seu fluxo e refluxo. Mas... há quem nos guarde. É a nossa mãe a proteger-nos. Tudo pode e cabe na fortaleza das nossas queridas progenitoras. O segredo está dito. Há nesses corações um mistério. No coração materno cabe tudo. O coração de mãe é mais decidido e mais forte que o fundo dos mares... O coração de mãe, fundo e calmo, deixa de ser a profundidade dos mares para ser a cúpula dos céus...

VII — Foi esta a primeira chave que ela utilizou. Foi para Deus que ela encaminhou (ou encaminha) sempre os filhos. A mãe guarda e restitui o tesouro até ao fim. Ela trás no coração o número certo da Sorte Grande que a lotaria do céu nos envia!!! Ora vejam. As mães principiam a falar de Deus aos filhos; depois, falam destes Aquele; por fim — vencida e satisfeita a vida — acompanham o filho no falar com Deus!

* * *

Mãe da minha alma! Em 8 de Dezembro vou rezar muito

A reacção do povo português, em face das calúnias levantadas pelos lacaios do Kremelín, contra nós, é edificante e comevedora.

Um povo como nós não pode sossobrar, ainda que a tempestade seja enfurecida até á quinta essencia do ódio e... da inveja.

Somos portugueses e não é a côr que nos dá essa qualidade.

Pretos ou brancos, gira-nos nas veias o sangue luso e é esse que nos irmana. Pequenos no número, mas grandes na alma, havemos de provar, mais uma vez, ao mundo egoísta e dementado, que não há força que nos amordace, nem arremetidos que nos intimídem.

O que têm os usurpadores comunistas como nossa vida, que sempre se merceu ás claras, sem sofismas nem malabarismos, e de quem têm procuração para arrumarem em protectores os povos que não descobriram, não civilizaram e não adaptaram aos seus tirânicos hábitos?

As nossas províncias ultramarinas são tão portuguesas como o Minho ou o algarve. Não admitimos nem toleramos usurpações.

mais por tí. Por isso mesmo vou subir mais alto. Mas pede daí, da Eternidade, que eu seja um filho digno de tí, para o ser também de Deus!

E pronto. Recordo neste momento os ranchos de filhos que podem e devem ler estas linhas a suas mães... Vejo mães vivas e mortas... Vejo-me como figurante, e beijo reverentemente as mães de Portugal!

B. Ribeiro

Somos um povo livre, independente e altivo e desprezamos as lágrimas de crocodilo dos cireneos moscovitas, que sempre viveram da opressão e da violência.

Não pretendemos imiscuir-nos na vida dos outros, mas também não toleraremos que os outros venham mandar na nossa casa.

O problema caudente, na época que passa, devia ser o da unificação da Alemanha, e o da emancipação da Polónia e da Hungria.

Discuta-se, mas com seriedade, o do desarmamento e o da energia nuclear para fins da guerra.

Fiquem sabendo os trapaceiros do Kremelín que não nos levam o que é nosso sem passarem por cima do cadáver do último português.

As virtudes aucestrais do povo luso continuarão a ser postas á prova quando e onde tornarem precisas.

É desolador, na verdade, que nações que se dizem amigos, não tenham tido a coragem de se solidarizarem connosco, julgando que, assim, conseguem agradar a Deus e ao diabo.

Mas esperem-lhes pelo troco.

Olhem que o diabo paga sempre mal a quem o serve. A sua passividade e a sua hesitação só têm dado força aos inimigos do mundo livre.

Acham bem o doloroso espectáculo da Argélia, onde o sangue francês está correndo em torrentes e a anarquia do ex-Congo Belga, em que filhos da mesma pátria se devoram com impetos leoninos?

Ou os ocidentais formam barreira cerrada para se de-

Continua na 4.ª página

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

vontade contra a nobreza do que no sentido por que veio à luz da publicidade.

Nasceu o elogiado Marquês em uma das casas de seus avós paternos, chamada da Fonte, uma 3.ª feira, 1 de Novembro de 1595.

Aprendeu a ler e escrever com um padre que depois seus pais premiaram com a abadia de Carrazedo. Continuou os estudos em Braga, no colégio dos Padres da Companhia, deixando-o por constar aos mesmos seus pais que os ditos padres tratavam de fazê-lo seguir a sua religião e parecer inclinado à vida eclesiástica.

Estudou apaixonadamente o latim, já depois dos 20 anos. Conheceu e tratou o francês, italiano e castelhano em que escreveu os seus trabalhos literários.

Exercitou-se desde criança na arte da Cavalaria; correndo emparelhado à gineta, punha-se com facilidade nas ancas do cavalo do seu companheiro.

A caça foi outro de seus passatempos favoritos. Conta-se que no seu tempo fizeram-se caçadas Entre-Homem e Cávado, em que se mataram mais de 700 coelhos, além dos que furtavam os muitos caçadores que nelas participavam.

Igualmente a pesca dos salmões nos poços do Cávado, onde eram tão abundantes e saíam em tamanha quantidade que tiravam a vontade ao divertimento), evitando a necessidade da repetição do lançamento das redes. Por isto existe nos salões de Castro o célebre quadro da pesca «miraculosa».

Era dotado de uma força espantosa: despedaçava ferraduras; rasgava baralhos de cartas. Visitando em Madrid suas cunhadas, que eram freiras, pediram-lhe que desse uma prova do que a tal respeito já lhes constava.

Pegou logo com a mão direita dois varões da grade de ferro do convento e juntou-os ao que ficava entres eles.

Levantava com os dentes pela casaca, o homem de mais avultada estatura, de cima de um bofete, dava duas voltas com ele suspenso pela sala e voltava a pô-lo no mesmo lugar.

Na presença de um príncipe italiano, que lhe solicitou uma demonstração no mesmo sentido, além de outras habilidades que praticou, pôs dois homens de extraordinária corpulência sobre os ombros, meteu outros dois debaixo dos braços e mandou que lhe pusessem outro homem sobre os ombros dos que já tinha nos seus; deu quatro passeios pela casa com todo esse peso, calculado em 32 arrobas portuguesas. Começara a exercitar-se nestes trabalhos desde menino.

Dedicou-se à música e à pintura. Ofereceu alguns dos seus quadros ao mosteiro de Rendufe e à igreja de Carrazedo.

Dois anos depois do seu casamento em Madrid veio para Entre-Homem e Cávado, com grande repugnância da esposa que não esquecia a vida de sociedade que deixara na capital do país vizinho, de tal modo que para lá teve de voltar dois anos antes da aclamação de D. João IV.

Não é de extranhar que se tivesse em justo apreço a extraordinária cultura física do marquês, a um tempo que os homens ainda se distinguiam mais pela força hercúlea do braço forte que pelo peso da inteligência e da sabedoria. Só a virtude e a santidade valiam mais, quando perante elas se curvavam as lanças e espadas, como aconteceu no campo de Alvalade.

Porém, quando os exércitos se batiam ainda frente a frente, até se aproximarem e entrechocarem nos duros golpes da cavalaria e da arma branca, a decisão das batalhas pendia em grande parte das rijas fibras dos contendores.

O marquês sabia muito bem quanto ia ser discutida a Causa da libertação da sua pátria; por isso quis passar de novo a Portugal.

Mas «se bem conhecia o glorioso Libertador da pátria como era útil nela a espada do marquês de Montebelo, não deixava de entender que valiam por muitas os seus avisos. El-rei escreveu-lhe que

(CONTINUA)